

LUCAS HERCULANO LIMA

MEMORIAL PESSOAL

CAMPINA GRANDE, 2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

Lucas Herculano Lima

Memorial apresentado à
disciplina **Prática de Ensino de
Historia na Escola de 1° e 2°
Graus** do Curso de História da
Universidade Federal de
Campina Grande. Docente
responsável: Erônides Câmara.

Campina Grande, 2011



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

MEMORIAL PESSOAL

Lucas Herculano Lima

Nasci na cidade de Campina Grande, em 18 de Julho de 1988. Sou o primeiro de três filhos dos meus pais. Meu pai, André Augusto Lima nasceu na cidade do Recife no Estado de Pernambuco, em 27 de Setembro de 1969, sendo o quinto de cinco irmãos. Minha mãe, Valéria de Lourdes Pereira Herculano nasceu na cidade de Campina Grande no Estado da Paraíba, em 19 de maio de 1969, sendo a décima de dez irmãos. Meus pais não chegaram a ter formação acadêmica, minha mãe concluiu o ensino médio e meu pai não chegou a concluir o ensino médio. Atualmente moro na cidade de Campina Grande – PB, na Rua Agamenon Magalhães número 574, apartamento 301, no bairro do Alto Branco. Tenho duas irmãs mais novas, gêmeas, Natalia e Rafaela Herculano Lima, ambas com 21 anos de idade e que também já se encontram na Universidade.

Com um ano de idade me mudei de Campina Grande para a cidade de Campinas, no interior do Estado de São Paulo, onde minhas irmãs nasceram. Lá residi por três anos com os meus pais e o restante de nossa família. Depois desse tempo retornamos para o nosso Estado, mas, agora para morar na cidade de Puxinanã, cidade do interior da Paraíba, localizada a 24 km de Campina Grande, onde grande parte da família de minha mãe vivia. Embora tenham nascido em cidades diferentes, boa parte da infância e adolescência dos meus pais foram vividas nessa cidade, onde eles se conheceram e começaram a namorar aos 14 anos. Embora sendo de outro estado, meu pai se mudou para Puxinanã aos sete anos de idade, com minha avó e seus quatro irmãos.

Por nunca ter sido um garoto muito interessado pelos estudos, não chegou a concluir o ensino médio, meu pai tinha dificuldades para conseguir um emprego com uma estrutura, tendo assim trabalhado grande parte de sua vida como garçom. Mesmo sendo de uma família de boas condições financeiras, ele era muito orgulhoso e sempre lutava para obter suas próprias conquistas. Sendo assim, resolveu ir morar na cidade de Brasília, onde as oportunidades de emprego seriam maiores.

Uma cidadezinha no interior da Paraíba não oferecia muitas chances para que um casal com três filhos pudessem buscar uma instabilidade econômica, as oportunidades de emprego eram muito pequenas. Ele se mudou no ano de 1993 para

Brasília tendo trabalhado como garçom e posteriormente como representante comercial. Seus planos eram conseguir estabilidade financeira, comprar a casa própria e voltar para pegar minha mãe, eu e minhas irmãs. Tudo corria dentro das metas estabelecidas, meu pai conseguiu um bom emprego e uma razoável estabilidade, entrava em contato constantemente com minha mãe. Mas o dia 17 de Julho de 1995, um dia antes do meu aniversário, ainda nos guardava grandes surpresas. Era manhã, estávamos assistindo televisão eu e minhas irmãs quando apareceu uma pessoa na frente de nossa casa chamando por minha mãe. Pediu para que ela ficasse calma e logo após contou que meu pai tinha sofrido um acidente de carro na noite anterior, dia 16, que tinha sido socorrido em tempo hábil, mas que infelizmente não tinha resistido aos ferimentos e veio a falecer naquela manhã. O desespero tomou conta de minha mãe, uma jovem de 26 anos se via viúva e com três filhos para criar sozinha. Após uma grande batalha na justiça, pois meus pais não eram casados oficialmente, minha mãe teve direito ao seguro e a pensão do meu pai. Tenho um grande orgulho de minha mãe, de quem tenho profunda influência, uma mulher que ficou viúva muito cedo, mas que nunca colocou nada nem ninguém na frente dos seus filhos. Conseguiu comprar a casa própria e dar sequência em nossa criação, com a ajuda dos meus avós e meus tios, sempre nos colocando para estudar e mostrando quais os melhores caminhos a serem seguidos.

Eu e minhas irmãs estudamos toda a alfabetização e o ensino fundamental em escolas públicas, na cidade de Puxinanã. Estudei minha alfabetização em uma escola religiosa, de freiras, e esse aspecto marcou profundamente minha infância, sempre sendo um garoto interessado pelos estudos, que respeitava os mais velhos, as irmãs, sendo um bom filho. Da primeira a quarta série estudei na Escola Estadual Antonio Galdino, no turno da manhã, sempre sendo um dos primeiros alunos da sala. Dessa fase de minha vida, me recordo de todos os meus amigos, nossa turma seguiu junta da alfabetização até a oitava série. Todos os dias quando chegávamos pela manhã na escola, nos organizávamos em fila e só entrávamos para assistir aula após cantar o hino nacional brasileiro.

Nossa escola possuía um grande pátio, uma excelente área para a recreação, foi nesse tempo que surgiu meu interesse pelo futebol. Ficávamos ansiosos para que chegasse à hora do recreio e assim corrermos para jogar bola. As lembranças ainda permanecem vivas de quando voltávamos para a sala de aula depois do recreio, todos suados e sujos de terra. As meninas ficavam em um local separado brincando de

boneca, existia uma divisão muito nítida nessa época entre meninos e meninas, não brincávamos juntos. Quando iniciei a quinta série, agora estudando no turno da tarde, mudei para uma escola agrícola, Escola Agrícola Joaquim Limeira de Queiroz, também na cidade de Puxinanã. Essa escola ficava localizada a dez minutos da cidade e existia um ônibus para levar os estudantes, seu ensino era de quinta a oitava série, e seu diferencial estava no ensino integral em dois dias da semana, terças e quintas-feiras, com as disciplinas Zootecnia e Técnicas Agrícolas pela manhã. Nessa escola vivi os melhores anos da minha vida, fiz os meus melhores amigos e tive aprendizado que carregarei até os dias de hoje.

Na parte de Zootecnia estudávamos os animais, cunicultura (criação de coelhos), suinocultura (criação de porcos), apicultura (criação de abelhas), piscicultura (criação de peixes), caprinocultura (criação de caprinos e ovinos), avicultura (criação de aves) e a pecuária. Possuíamos todos esses animais em nossa escola e o nosso aprendizado aliava a teoria e a prática, já que estávamos em contato constante com os animais. Aprendíamos muitas coisas sobre os animais, alimentação, seus ciclos de reprodução, doenças e como tratá-las, entre várias outras coisas. Na parte de Técnicas Agrícolas, aprendíamos a lidar com o campo, com as culturas agrícolas, com técnicas de conservação do solo, de irrigação, de adubação, o uso adequado de inseticidas. A escola possuía seu próprio campo, uma área de oito hectares. Aprendemos a lidar com várias culturas agrícolas, a cultura do feijão, da mandioca, da cana de açúcar, do algodão, milho, desenvolvendo desde a plantação, a conservação contra pragas e a colheita. Quando atingíamos a oitava série, a turma ficava responsável pela manutenção de uma horta, desde a preparação do solo, com a adubação adequada, até o plantio das hortaliças e a colheita. Plantávamos alface, pimentão, tomate, coentro, rabanete, beterraba entre outras. Como se tratava de um ensino em tempo integral, tudo que desenvolvíamos no campo era consumido por nós, na própria escola, uma alimentação balanceada com verduras, legumes, e sucos de frutas.

Nessa escola agrícola estudei até a oitava série e quando concluí o ensino fundamental iniciei o ensino médio na Escola Estadual da Prata em Campina Grande. Uma boa parte dos meus amigos seguiu para algumas escolas particulares, mas minha mãe não tinha condições de pagar uma escola por isso segui na escola pública. No início cheguei a me assustar um pouco, pois vinha de uma cidade muito pequena, com pouco mais de 10 mil habitantes, e nunca tinha estado em uma escola tão grande. Pela

estrutura da escola logo me animei, vi que poderia ter uma boa base para iniciar o sonho de passar no vestibular.

Meu interesse na disciplina de História vinha desde a quinta série, sempre respondia as atividades, tirava todas boas notas e esse interesse também me acompanhou durante o ensino médio. Nesse momento da minha vida, no ano de 2004, quando cursava o segundo ano, aconteceu uma mudança que modificou os rumos da minha vida. Eu tinha me inscrito em um projeto do Governo Federal para o primeiro emprego, o projeto jovem aprendiz, uma forma de integrar o jovem no mercado de trabalho, fornecer a primeira experiência profissional. Fui selecionado, entre 10 jovens, para trabalhar na empresa Atacadão Rio do Peixe, localizada na cidade de Campina Grande. Como morava na cidade de Puxinanã, no início tudo foi complicado. Tive que transferi minha escola para o turno da noite, pois o trabalho se dava durante a tarde e durante o dia fazíamos um curso de Assistente Administrativo no Senac como parte do projeto. Com alguns meses resolvemos vim morar em Campina Grande, pois só assim poderíamos pensar em uma melhor condição de vida. Nesse momento minhas irmãs estavam terminando a oitava série para iniciar o ensino médio e essa mudança acabaria por beneficiar a todos.

E durante os anos seguintes eu fui consignano a escola e o trabalho. Estudava o terceiro ano pela manhã no Estadual da Prata e durante a tarde trabalhava. Aos poucos percebi que o ensino da escola não era suficiente para me auxiliar no vestibular, resolvi então me matricular em um cursinho pré-vestibular. A inscrição no vestibular se torna a escolha da carreira e como eu já estava começando a minha experiência na área administrativa, resolvi tentar o curso de Administração na Universidade Federal de Campina Grande. Como também me interessava pelo estudo de História e Geografia, tentei concorrer ao curso de Direito na Universidade Estadual. Porém, como estudava e trabalhava durante o dia e também à noite, acabei não me dedicando o suficiente para passar no processo seletivo do vestibular. Como eu tinha terminado o ensino médio e não conseguira passar no vestibular acabei perdendo minha vaga de estagiário no trabalho e passei a me dedicar apenas aos estudos para passar no vestibular.

Comecei minha preparação desde o mês de Janeiro do ano de 2007 quando entrei no cursinho novamente, como não mais trabalhava minha mãe fazia um grande esforço para poder pagar meus estudos. Desta forma fui me dedicando a estudar para o vestibular tendo em mente os dois mesmos cursos: Administração e Direito. Até que um

dia, conversando com uma prima chamada Fabiana, fui indagado sobre qual curso eu queria realmente cursar. Pensei um pouco no momento e respondi que gostaria muito de estudar Direito, foi quando ela me deu a seguinte idéia: muitas pessoas que tentavam Direito também colocavam o curso de História na Universidade Federal porque ambos se aproximavam muito e caso conseguisse passar primeiro para História e depois para Direito, poderia pedir dispensa de algumas disciplinas mais na frente. Achei a idéia muito interessante porque nesse momento meu entusiasmo para estudar Administração já não era o mesmo, tinha conhecimento de muitas pessoas formadas e que não conseguiam um bom emprego. Sendo assim, mesmo sempre tendo gostado muito da disciplina, nunca se passou em minha cabeça a idéia de tentar o vestibular para o curso de História, eu era muito tímido, muito calado, recatado, não me via de maneira alguma como um professor. Mas, de toda forma, acabei convencido e me inscrevendo para o vestibular nos cursos de História e Direito.

Era mês de Julho do ano de 2007, eu continuava só estudando e sem trabalhar, até que em uma tarde recebi uma ligação sendo chamado para uma entrevista de trabalho. Eu tinha conseguido um ano de experiência na carteira de trabalho como Auxiliar Administrativo e isso foi de fundamental importância para mim. Depois do processo seletivo da empresa, acabei sendo o escolhido para ocupar a vaga, não poderia ficar mais contente afinal já estava com 19 anos e não poderia ficar vivendo nas custas da minha mãe por muito tempo, mesmo com todas as dificuldades ela já pagava a escola das minhas irmãs, em uma tentativa de proporcionar maiores chances para que elas passassem no vestibular. Tal empenho valeu à pena, pois hoje Rafaela cursa Direito na Universidade Estadual e Natalia cursa Fisioterapia também na Universidade Estadual. Sendo assim, comecei a trabalhar novamente e continuei me dedicando aos estudos no cursinho durante a noite e os finais de semana em casa. O dia do vestibular chegou e depois de muita batalha, de muita reza da minha avó Lourdes, que hoje está ao lado de Deus pai porque pessoa de coração tão grande eu jamais conheci, consegui passar para o curso de História e ficar em vigésimo colocado na lista de espera para o curso de Direito.

Mas como às vezes o destino acaba nos pregando algumas peças, acabei não sendo chamado para o curso de Direito e depois de muito pensar resolvi entrar no curso de História, de início para fazer apenas um teste, para ver se gostava. Passei para o segundo período, portanto fiquei até metade do ano só trabalhando. Nesse ínterim,

vários amigos me questionavam o porquê de estudar História: o que eu iria fazer em um curso sem futuro algum, que não dava dinheiro, que era curso de “doido”, que iria virar hippie e etc. Os vários estereótipos que, ainda hoje, ficam sujeitos os estudantes das ciências humanas.

Entrei na universidade no ano de 2007, no segundo semestre. De início, não sabia o que esperar do curso, nunca cheguei a conhecer alguém que estudava História e também não compreendia o que fazia um historiador, como se dava seu trabalho. Também nunca tinha me passado pela cabeça seguir o caminho da docência, nunca me identifiquei muito com um professor, nunca tive um professor que tenha me marcado durante minha vida escolar que pudesse vir a me influenciar a seguir o magistério, sempre tive em mente me tornar um estudante de Direito ou Administração.

Até aquele momento, História para mim se resumia apenas ao conteúdo do livro didático, ainda não tinha tido contato com obras históricas sobre temas isolados e nem sabia da existência de tais obras. Estava aí em que consistia o trabalho do historiador, pesquisar novos temas, escrever novas histórias. Mas para pesquisar era preciso ter fontes históricas e entrei no curso de História sem saber precisamente o que era uma fonte histórica, não me recordo de ter trabalho com ênfase tal assunto durante meus anos escolares.

Minhas primeiras disciplinas foram Geografia Humana, História Antiga Oriental, Introdução ao Estudo da História, Língua Portuguesa e Pré-História. De todas essas disciplinas a que mais me chamou a atenção no início foi Introdução ao Estudo da História, a fama do professor Gervásio Aranha era conhecida em toda a universidade e o choque na primeira aula ministrada foi inevitável. Um calouro na universidade espera que a postura de um professor acadêmico seja da mesma forma de um docente do ensino médio, aquele professor que ainda copia tudo no quadro, que chama a tua atenção que ainda se importa diretamente com o seu aprendizado. A figura do professor Gervásio me chamou atenção no primeiro dia, um homem sereno, muito calmo de voz calma e que não copiava absolutamente nada no quadro. Uma avalanche de citações de autores nos deixava malucos, nomes como Michel de Certeau, Michel Foucault, Jules Michelet, Roger Chartier eram constantes em sua aula e a todo o momento eu me perguntava se seria capaz de compreender os pensamentos de tantos autores. Ao final das aulas de Introdução nossas caras de apavorados eram visíveis, ficávamos conversando nos corredores de como seria a prova de tal disciplina, as dificuldades que

ainda teríamos que enfrentar ao longo do curso, pois todo mundo já nos metia medo com a disciplina de Teoria da História, que ainda estava por vim e que também era ministrada pelo professor Gervásio.

Dois autores em especial me chamaram a atenção no início do curso, Heródoto e Tucídides. Sempre fui curioso em saber a origem das coisas, de onde vinham, como tudo começou e ao longo das leituras, as obras desses dois personagens da História foram me encantando cada vez mais. A disciplina de Pré-História contribuiu para que fosse nascendo em mim um amor cada vez maior pelo estudo da História. Sempre fui fascinado pelo estudo da origem do homem, os vários processos de evolução, as teorias de criação do universo, tais assuntos sempre aguçaram minha curiosidade e ter a oportunidade de estudar tudo mais profundamente era uma coisa fantástica.

Passado o primeiro período do curso, aos poucos eu ia entendendo o que realmente era História o que tornava essa disciplina tão fascinante uma ciência. Ao longo das minhas primeiras leituras, logo me interessei por dois grandes nomes da historiografia: Marc Bloch e Lucien Febvre. A Escola dos Annales foi um dos assuntos que mais despertou a minha curiosidade, tanto que o meu primeiro livro adquirido foi “Apologia da História” de March Bloch. Nesse sentido, o curso ia me conquistando aos poucos e o desejo de estudar Direito ia ficando cada vez mais longe. Minha primeira dificuldade no curso foi com relação à disciplina de Introdução ao Estudo da História. Na minha concepção tal disciplina não deveria aparecer logo no primeiro período, onde o aluno não entende completamente nada de estudos históricos. Eram constantes as nossas conversas em grupos de amigos, todos encontravam dificuldade na disciplina.

Era difícil você assistir uma aula de Introdução relaxado, eu ficava atento a tudo que o professor falava e rapidamente transcrevia para o caderno. Confesso que quando chegava em casa e ia tentar estudar não conseguia entender praticamente nada, o nível intelectual do professor era muito grande, as citações de obras e de autores ao longo da aula realmente assombrava. Mas nenhum impacto foi mais forte do que o contato com a obra do historiador Hayden White. Durante toda a minha trajetória no curso de História eu nunca li um texto mais difícil de se entender, de se interpretar. Eu não conseguia captar exatamente nada durante a leitura e portanto passei a fugir do autor sempre que possível nas minhas provas e nas discussões dos textos.

Com o fim do primeiro período pude notar mudanças na minha concepção de História. Até então eu sabia que a História era uma ciência, mas, não sabia o que

precisamente tornava o conhecimento histórico um conhecimento científico. Durante a educação básica aprendíamos que a História se apresentava como o estudo do passado, mas como o passado pode se apresentar enquanto objeto de estudo de uma ciência? A História estuda o homem, mais precisamente a mudança do homem no tempo. Portanto as transformações e passar a entender a História enquanto processo. Daí a importância da disciplina de Introdução ao Estudo na História no início do curso. Através de tal disciplina o graduando passa a compreender o que marca o universo do historiador, os autores e suas obras, os conceitos criados, as escolas historiográficas e a conseqüente influência na escrita da História, a escola metódica dita positivista, o materialismo histórico, a Escola dos Annales. Todo esse processo fez com que houvesse as primeiras mudanças na minha concepção de História. E junto com essa mudança de concepção também veio a reorientação no campo do conhecimento histórico. Tínhamos estudado apenas um período do curso, mas as poucas aulas foram suficientes para derrubar toda a concepção que tínhamos acerca do que entendíamos enquanto História.

As aulas eram extremamente prazerosas. Trabalhamos com o esquema de apostilas, na medida em que líamos e discutíamos um texto em sala de aula, o professor disponibilizava o seguinte na Xerox. As aulas da disciplina de Pré-História se apresentavam como as mais engraçadas, contando com a irreverência do professor Antonio Clarindo. Trabalhávamos os textos com dinâmicas, como era um assunto em que predominava muitos nomes difíceis e fica praticamente impossível de se decorar tudo, o professor sempre buscou inovações para as aulas, eram constantes os documentários, as aulas expositivas em que confeccionávamos cartazes, apresentávamos os textos em sala de aula, tudo isso fazia com que o conteúdo fosse assimilado mais facilmente. Uma das minhas melhores lembranças do curso são as ótimas aulas de pré História.

A turma 2007.2 sempre foi muito unida desde o início do curso. Até então nunca tinha sido uma pessoa fácil para fazer amizades, sempre fui recatado, não tinha muita especialidade em se enturmar. Logo com pouco tempo todos na sala já eram amigos, destaco as figuras de Janderlan Alex, Pedro Nicácio, Leonardo Quirino, Carlos Eduardo e Ítalo Vinicius. A pracinha do CH se tornou em nosso principal local de sociabilidades, local onde nos encontrávamos todos os dias para conversarmos sobre o andar do curso, sobre as nossas leituras diárias, sobre o que esperávamos no futuro.

Nossas presenças nos locais de Xerox eram constantes, todos reconheciam um estudante do curso de História mediante a quantidade de leitura que tínhamos para dar conta. Sempre estávamos tirando dúvidas um com os outros, era um meio de buscar a melhor compreensão do texto visto que todos nós éramos dedicados, todos liam os textos. Durante o período que cursamos a disciplina de História Antiga Ocidental com a professora Marinalva Vilar de Lima, a inquietação tomou conta de todos novamente. A quantidade de leitura era enorme em um espaço de tempo muito curto. Tínhamos aula nas terças e quintas-feiras e durante esses dias tínhamos que estudar um livro de Hérodoto por aula. Além da leitura, que já era e si demasiadamente grande, tínhamos que elaborar um relatório de cada livro. Apresentávamos um livro na terça-feira e no intervalo da quarta-feira já tínhamos que ler outro livro para apresentar na quinta-feira. Ficamos revoltados durante esse período, totalmente sobrecarregados. A maior revolta era do nosso amigo Carlos Eduardo, que prometia para si mesmo que quando terminasse o curso iria colocar a mesma quantidade de leitura para seus alunos, não iria dar moleza.

Pedro Nicácio e Leonardo Quirino ambos moravam na cidade de Areia e eram amigos inseparáveis, não desgrudavam nem para ir ao banheiro, eram os mais aplicados, nunca atrasavam um relatório e sempre ajudavam o restante da turma no entendimento do texto. A união da nossa turma também ficou muito evidente quando estávamos cursando a disciplina de Teoria da História. Entre todas as disciplinas Teoria era a mais complexa, exigia uma grande dedicação e era a que marcava decisivamente a nossa mudança de concepção de História. A partir desse momento entrávamos em contato direto com os conceitos trabalhados na área de História, passávamos a saber o que era História Social, História Cultural, o materialismo histórico. Passamos a compreender o que permeava a escrita do historiador, o método, a teoria e nesse contexto a leitura de Michel de Certeau foi de fundamental importância. Através do contato com a sua obra *A escrita da História* e mais precisamente com o capítulo intitulado *A operação historiográfica*, foi possível passar a entender o que realmente estava por trás do trabalho do historiador. Neste contexto, me vem à mente um acontecimento que nos marcou durante o curso desta disciplina.

No dia da nossa avaliação de primeiro estágio, marcada para começar as 20:20, no segundo horário, questão esta já de imensa revolta por parte da nossa turma pois Teoria da História é uma disciplina muito complexa e fazer uma avaliação no segundo

horário nos complicava e muito visto que a aula começa as 20:20 e a grande maioria das pessoas, que moram em outras cidades, são obrigadas a sair de no máximo às 21:30 para pegar o ônibus. Ou seja, tínhamos uma hora e dez minutos para trabalharmos duas questões. Em uma primeira análise esse tempo daria tranquilamente, mas nosso professor Gervásio era bastante exigente e visto que ainda estávamos no quarto período, ainda não possuíamos uma força argumentativa e um domínio de conceitos e autores muito grande. Além de toda essa dificuldade, a prova foi aplicada pelo monitor da disciplina sem a presença do professor em sala de aula e o mesmo ainda chegou atrasado, por volta das 20:35. Mesmo com nossas reclamações resolvemos fazer a prova, a metade da turma deixou para a reposição, mas, o fato que mais me revoltou foi quando o monitor colocou um DVD de Airon Maden em plena sala de aula enquanto fazíamos a prova, o som nos atrapalhava e muito e o mesmo ainda nos afirmava que só iria ficar em sala de aula até as 21:40 visto que tinha que pegar a condução para sua residência. Como no regulamento da universidade a aula vai até as 22:10, tal impasse só foi resolvido quando nosso amigo Ítalo Vinicius se ofereceu para levar o referido monitor até a sua residência possibilitando que tivéssemos mais tempo para responder a prova. Tal fato ocorrido rendeu muitas discussões em meio às reuniões com as representações dos estudantes e com o nosso chefe de departamento. Um fato interessante que pude observar com o fato ocorrido é que como um aluno ainda no começo do curso não conhece metade dos seus direitos dentro da universidade e acaba por aceitar diversas situações que poderiam ser evitadas.

Durante o decorrer do meu curso, a amizade que surgiu entre os meninos da minha turma parecia coisa de irmãos. Eu, Carlos Eduardo, Janderlan Alex, Pedro Nicácio, Leonardo Quirino, Ítalo Vinicius e João Neto tínhamos um laço de amizade muito forte, éramos muito unidos e este fato era evidenciado durante todo o tempo que estávamos na faculdade. Andávamos sempre juntos, as idas a biblioteca, a Xerox, até mesmo para lanchar no trailer do nosso amigo Marcos. E a nossa união era tão grande que resolvemos inscrever o time de História nos jogos intercursos da UFCG. Até então, o curso de História nunca tinha passado da série B, segunda divisão, do futebol da faculdade, era tachado como time de pernas de pau, sempre que entravam em quadra eram humilhados pelos outros cursos. Desde o início do curso notei que minha turma era diferente das restantes, nenhum membro da turma envolvido em movimentos políticos ou estudantis, nenhum com algum estilo alternativo, na verdade ninguém

acreditava que cursávamos História. Todos nós gostávamos de futebol então resolvemos inscrever nosso time. Os membros do time era Eu, Carlos Eduardo, Janderlan Alex, Pedro Nicácio, Leonardo Quirino, Ítalo Vinicius e João Neto. Esse campeonato aconteceu no final do ano de 2008 e marcou profundamente a nossa amizade. Conseguimos colocar nosso time da série A do futebol da UFCG e mais do que isso, todos agora respeitavam o time de História, pois tivemos o privilégio de vencer times tradicionais da universidade como administração, economia, computação e engenharia elétrica. Com certeza, essa será uma das minhas melhores lembranças da universidade e dos meus amigos.

Eu morava no bairro do Alto Branco, bairro este que fica um pouco distante da universidade. Para poder ter acesso a universidade eu ia andando até o centro da cidade, cerca de 10 minutos de onde eu morava para poder pegar a condução. No início do curso, metade do ano de 2007, eu trabalhava no Centro de Distribuição da Empresa Alpargatas das seis horas da manhã até as duas horas da tarde. Quando chegava em casa, minhas tardes eram reservadas para os estudos até ir para a faculdade à noite. Quando a aula terminava, pegava a condução de frente com a universidade até o centro da cidade e seguia o restante do caminho andando até a minha casa. Eu fazia esse percurso do centro até a minha residência caminhando com o intuito de economizar dinheiro com as passagens caso contrario, eu iria pagar quatro conduções por dia para poder freqüentar a faculdade e o que gastávamos tirando Xerox já não era pouco. Mesmo assim não encontrava dificuldades para freqüentar a universidade visto que graças ao meu trabalho, eu poderia ter os recursos necessários a minha locomoção e a minha permanência no curso. O fato de também morar em Campina Grande já era uma contribuição e tanto visto que mais da metade da minha turma morava em outras cidades e, portanto não chegavam em casa menos de meia noite.

No início do segundo período, comecei o contato com a disciplina que viria a me marcar pelo restante do curso e a qual realmente me fez continuar no estudo da História: História da África. Até então meu conhecimento a cerca do continente africano era muito limitado, tudo o que sabia era com relação à escravidão e o que estava contido no livro didático. Apareceu nesse momento o meu grande interesse em estudar História e também entender como se dava o escrever História. Pude notar que os livros didáticos davam pouca ênfase a um conteúdo tão importante e o quanto a escrita dos fatos era distorcida. Estudamos durante a nossa educação básica civilizações como a grega e

romana, consideradas os pilares da construção da nossa civilização moderna, mas os estudos das civilizações africanas ficam restritas ao Egito, país cuja população é de maioria branca e está ligado diretamente ao Mar Mediterrâneo, considerado o coração das civilizações antigas. As civilizações milenares africanas localizadas ao sul do deserto do Saara passam despercebidas pela história, civilizações estas que manterão sucessivos contatos com o próprio Egito e cujas histórias poderão ficar eternizadas nos relatos de viagens de vários viajantes árabes. Tal processo é fruto evidente de um europocentrismo que domina a escrita da história. As várias áreas do globo só passam a possuir uma história própria a partir do contato com o europeu, como exemplo clássico de tal tese temos a América. Pois bem, foi exatamente essa angústia, esse problema que fez com que eu me interessasse tanto por essa disciplina, que era praticamente uma desconhecida para mim. Passei a ler praticamente todos os textos que o professor Luciano Mendonça trabalhava em sala de aula e participava de todos os debates que desenvolvíamos em nossas aulas. Se durante a minha trajetória escolar eu não tive um professor em que pudesse me espelhar, servir de exemplo para seguir a carreira do magistério, tal estímulo eu encontrei na figura do professor Luciano Mendonça. Está certo que o meu fascínio pela disciplina ajudava, mas o comprometimento do professor com o seu objeto de estudo, a sua pontualidade, a aula tão bem preparada com o professor dominando completamente o conteúdo fez com que eu me interessasse definitivamente pelo curso de História e em especial, pelo estudo da África. Também foi a partir desse momento do curso que fiz uma grande amizade, que tive o privilégio de conhecer uma das pessoas mais inteligentes, mais brilhantes que já atravessaram meu caminho: o amigo Ítalo Vinicius Gomes de Lima. Assim como eu, Ítalo também se interessou rapidamente pela disciplina de História da África e isso só fez com que a nossa amizade se fortalecesse cada vez mais. Andávamos sempre juntos na universidade, sempre debatendo textos, levantando questionamentos, sonhando com futuras pesquisas, em resumo, meu grande parceiro.

Um texto em especial contribui de forma demasiada para que eu começasse a pensar em uma problemática que viria a ser tema freqüente nas minhas publicações durante a graduação. Tal texto foi *Notas sobre a escravidão na África pré-colonial* do historiador João José Reis. Assim como permeou por muito tempo em meu imaginário que os europeus desembarcavam nas praias do continente africano e aprisionavam os habitantes locais a seu bem entender trazendo-os a força como escravos para servirem

de mão de obra na América portuguesa, esse pensamento romântico ainda permeia o imaginário da grande maioria das pessoas, da opressão introduzida pelos europeus. A partir desta leitura eu pude compreender que a escravidão já existia em larga escala no continente africano e que tal instituição não foi imposta pelos europeus. A teia que envolvia o tráfico de escravos era muito mais complexa do que eu imaginava. Seguindo essa problemática eu publiquei meu primeiro artigo da graduação, com o meu amigo Ítalo Vinicius e orientado pelo professor Luciano Mendonça, *Escravidão na África e a diáspora para o Brasil*, trabalho este apresentado no I Colóquio Internacional de História, realizado na Universidade Federal de Campina Grande no período de 28 a 31 de Julho de 2008.

Embora tenha sido um trabalho de revisão bibliográfica que surgiu através do interesse das minhas leituras em sala de aula, cujos autores que me influenciaram na época foram Manolo Florentino, Paul Lovejoy, Herbert S. Klein, Alberto da Costa e Silva e John Thornton, esta experiência me proporcionou um grande aprendizado, apesar de ter sido um momento de muito nervosismo, pois foi um momento em que pude receber críticas e sugestões de como deveria seguir meus próximos trabalhos. Após esta primeira experiência, desenvolvi um novo artigo também orientado pelo professor Luciano Mendonça, *(Re) Pensando o movimento quebra quilos e a resistência escrava em Campina Grande*, trabalho este apresentado no Encontro Paraibano de Estudantes de História no Centro de Educação da UEPB, realizado no período de 10 a 12 de Outubro de 2008. A partir de estudos promovidos com o professor Luciano, procuramos evidenciar as possibilidades dos escravos conseguirem a liberdade em meio ao movimento do Quebra Quilos. Também neste mesmo evento, participei do minicurso *A resistência dos quilombolas na história da Paraíba*, contribuindo demasiadamente no crescimento do meu aprendizado em torno das comunidades quilombolas na Paraíba. Através dessas experiências em eventos e publicações meus horizontes foram e abrindo cada vez mais, eu tinha cada vez mais interesse em me dedicar aos meus estudos. Com isso durante o mês de Outubro eu e meu amigo Ítalo Vinicius resolvemos nos inscrever no nosso primeiro evento fora do Estado da Paraíba. Submetemos um novo trabalho em co-autoria para o V Encontro Nacional de História e Cultura da UNIT. A corte no Brasil: 200 anos de perspectivas historiográficas, que foi realizado na cidade de Aracaju durante o período de 10 a 14 de Novembro de 2008. Durante esse evento apresentamos o trabalho *As religiões africanas na América*

Portuguesa. Esta experiência foi fascinante para nossa formação enquanto intelectuais, pois tivemos a oportunidade de sair do ambiente da nossa faculdade e poder conhecer novos centros de produção de conhecimento e saber. Logo após a volta dessa viagem também participamos do II Seminário Nacional de Estudos de História e Cultura Afro-Brasileiras, realizado na Universidade Estadual da Paraíba, no período de 17 a 20 de novembro de 2008, apresentando nossos antigos trabalhos já com as melhoras sugeridas durante a participação nos encontros anteriores. E também no final do ano de 2008 participei da IX Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do CH-UFCG, apresentando o trabalho *A noção de corpo no imaginário medieval*, também produzido em co-autoria com o meu amigo Ítalo Vinicius, este trabalho nasceu através do interesse nas leituras da disciplina de História Medieval Ocidental e também participei no mini-curso *Escravidão no Brasil: Trabalho, Cultura e Cotidiano*, ministrado pelo professor José Júnior Pereira e que cada vez mais contribuía para o meu conhecimentos a cerca da História da África e da escravidão.

Mas em especial dois eventos contribuíram imensamente para a minha formação em torno dos estudos acerca da escravidão. Depois de muitas leituras, em especial do africanista Alberto da Costa e Silva cujas obras marcaram a minha graduação e fez nascer em mim um gosto muito especial pela literatura africana, resolvi tentar um novo desafio sob a orientação do professor Luciano Mendonça. Submeti o trabalho intitulado *História da África: a importância da matriz cultural africana*, para ser apresentado no I Simpósio Internacional de Estudos Sobre a Escravidão Africana no Brasil, realizado entre 15 a 18 de junho de 2010 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tal evento contou com a participação dos maiores africanos do Brasil e do mundo como Manolo Florentino, João José Reis, Alberto da Costa e Silva, Mary Karask, John Thornton, entre outros. A sensação de participar de tal evento foi indescritível, você esta em contato com os autores das obras que marcaram sua graduação, que te inspiraram. Outro grande evento foi o II Colóquio Internacional de História, Fontes Históricas, Ensino e História da Educação, realizado na Universidade Federal de Campina Grande de 18 a 22 de outubro de 2010, no qual apresentei o trabalho *Aspectos da relação senhor-escravo nas cartas de alforria na Campina Grande do século XIX*, trabalho este que já se apresentava como possível tema da minha monografia e um futuro projeto de mestrado.

Em parceria com o gosto pela literatura africana e sobre a escravidão, eu também desenvolvia atividades de monitoria com o professor José Otávio Aguiar na disciplina de História Moderna Oriental no período 2009.1. Com esse maior contato com José Otávio, também surgiu o meu interesse pela recente História Ambiental cujo professor vinha se dedicando cada vez mais aos estudos. Sendo assim, acabei sendo convidado pelo mesmo para ser bolsista do projeto PROBEX intitulado *História Ambiental nas Escolas Públicas Estaduais de Campina Grande: Diálogos, Socialização de Saberes e Ações Transformadoras*, cujo objetivo seria trabalhar o ensino de História Ambiental nas escolas de Campina Grande, mais precisamente nas escolas estaduais Elpidio de Almeida (Estadual da Prata), Prof. Raul Cordula, São Sebastião e Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente). Através dessas escolas iríamos trabalhar oficinas de extensão, exposições itinerantes nos pátios das escolas visando uma maior amplitude do que seria a Educação Ambiental e também contávamos com um espaço na UFCG, uma sala para receber professores do Ensino Médio para encaminhá-los nas melhores formas de se tratar a Educação Ambiental em sala de aula. Essa experiência em um projeto de extensão foi de fundamental importância pra a minha formação, porque nesse momento eu contava com o acompanhamento direto de um professor, indicando leituras, cobrando resultados, incentivando novas buscas e abrindo novas possibilidades de pesquisas.

O meu interesse pela literatura africana surgiu por vontade própria, não teve incentivo de nenhum professor e todas as minhas publicações não contaram com um incentivo direto, as orientações eram acerca de leituras e se resumia a isso, as publicações em encontros nacionais e internacionais exigiam um orientador, e nesse contexto o papel do professor Luciano estava ligado a esse ponto. A partir dos estudos em História Ambiental desenvolvidos sob a orientação do professor José Otávio, desenvolvi o trabalho *História ambiental, etnografia e paisagem: a trajetória de viagens de Henry Koster pelos sertões do Nordeste Brasileiro*, apresentando na décima Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do CH-UFCG, realizado durante o período de 21 a 23 de Outubro de 2009.

Ao transcorrer do curso eu fui me tornando um aluno cada vez mais interessado, sempre que possível busca sempre esta participando de eventos, está publicando, montando um bom currículo. Mediante essa dedicação ao curso, fui convidado pelo professor Iranilson Buriti para integrar o seu projeto de PIBIC cujo título era

“Esculápios patrióticos”: práticas e saberes médicos na República da Paraíba (1919-1930). Pude notar que com o passar do tempo dentro da universidade eu fui mudando de áreas de interesse e isso pode ser explicado mediante o incentivo que cada professor dava para o aluno. No momento do convite do professor Iranilson, eu ainda integrava o PROBEX do professor José Otávio, mas a importância de um projeto de pesquisa era bem maior, nesse momento José Otávio já possuía uma aluna no seu projeto de pesquisa e acabou me liberando voluntariamente para compor o projeto de pesquisa do professor Iranilson. A área do projeto era a da medicina social, o objetivo de investigar as práticas médico-sanitaristas na Paraíba no período compreendido entre 1919 a 1930 e as suas relações com a cartografia escolar, particularmente com a escola primária. Utilizávamos as seguintes fontes de pesquisa: a) os relatórios dos presidentes de Estado; b) os discursos sobre saúde do Presidente da República Epitácio Pessoa; c) as correspondências de Belisário Penna aos médicos paraibanos; d) as fichas dos alunos do Instituto Pedagógico Campinense; e) artigos do jornal A União. Para investigar as práticas de higienização e sanitização voltadas para os corpos urbano e humano foi utilizado como referencial teórico Michel Foucault. Mesmo sendo um tema de grande importância, no qual eu encontrava um grande acervo documental para trabalhá-lo, acabei não me identificando com o tema e por consequência não me dedicando por completo ao projeto, sendo substituído em seguida por outro bolsista. Mas dessa participação consegui absorver o grande aprendizado da pesquisa, o primeiro contato com as fontes primárias, a busca de evidências, a ida até os arquivos, a coleta de dados, experiência relevante para o restante do curso.

Sempre disse aos meus amigos que se todo mundo tivesse a oportunidade de estudar História o mundo seria outro. O estudante de História se torna um ser crítico, passa a questionar e não aceitar qualquer discurso porque sabe que um discurso não passa de uma construção e que sempre se sai vitorioso o discurso do mais forte. Em minha família e meus amigos mais próximos, todos falam que após estar perto de concluir o curso me pareço outra pessoa e de certa forma confirmo tal afirmativa. Todos nós, historiadores, brincamos que é praticamente impossível você separar a sua identidade pessoal da do historiador. Eu particularmente não consigo assistir um filme, uma novela, um programa de televisão, ler um jornal, uma revista sem problematizar, sem interpretar o que está sendo colocado. Por esse motivo sou constantemente tachado de chato, abusado, insuportável entre outros adjetivos, principalmente entre minha mãe

e minhas irmãs. Frases como “não adianta discutir com ele” são constantes nas minhas relações diárias. Mas de todo caso, sei que a formação universitária contribui imensamente para me tornar uma pessoa melhor, mais hábil a viver nesse mundo de tamanha desigualdade, me tornando capaz de lutar pelos meus direitos e ir em busca de melhoras.

Quando escolhi continuar no curso de História muitos me indagavam se realmente eu teria feito a escolha correta. Se eu teria um futuro promissor, se conseguiria uma estabilidade financeira. Sempre tive em mente que independente do que você escolhe para fazer, se você desenvolver suas atividades com êxito, dedicação e paixão, se você realmente for bom naquilo que faz o sucesso será apenas uma consequência do seu trabalho. Obtive minha primeira experiência em sala de aula no cursinho pré-vestibular solidário da UFCG e a partir daquele dia, 17 de Julho de 2009, eu tive a certeza do que realmente eu queria, em que realmente eu era bom.

O sucesso consiste em você investir todas as suas forças naquilo em que você realmente é bom. Ao longo do curso eu pude encontrar a minha vocação, pude conhecer habilidades que eu mesmo não sabia que as possuía, e dessa forma poder investir esforços futuros na continuação da minha formação. Acredito no meu potencial adquirido ao longo desses anos, acredito que com a formação intelectual adquirida tenho muito que contribuir para a melhora do ensino da nossa disciplina de História. Planejo seguir a carreira da docência, pois descobri o meu verdadeiro potencial. Entre as várias funções do estágio da Prática de Ensino creio que a mais importante de todas, e que pode ser encarada como o teste de ferro, é se você realmente tem aptidão a sala de aula, ao ambiente escolar, se realmente é aquilo que você deseja fazer pelos seguintes anos da sua vida. Após o término do meu estágio eu tive a certeza do que realmente eu queria. Ser elogiado pela professora Socorro Araújo que estava me avaliando e pelos próprios alunos com que tive contado me proporcionou uma emoção indescritível. Ouvir uma pessoa dizer que você tem futuro, que você está seguindo o caminho correto só te dá forças para seguir trilhando esse caminho com mais confiança. O término da graduação é apenas um passo dado, um novo mundo se abre, repleto de novas figuras, de novas concepções, de novas formas de se ensinar. Para isso é preciso dar sequência a essa formação. Paralelo a apresentação da minha monografia também irei me submeter à seleção do Mestrado nesta mesma instituição de ensino sob a orientação do professor

José Otávio, o mesmo que esta me orientando no meu trabalho de monografia, me dedicando ao estudo da História Ambiental.

Como nossa disciplina é parte integrante dos currículos escolares, as possibilidades de passar em um concurso público são maiores e o número de escolas particulares também aumentam a cada ano. O sucesso do profissional vai depender do seu nível de interesse pela sua profissão, buscando sempre está atualizado, buscar cursos de especializações e, se possível, seguir no mestrado e no Doutorado. Estes são os meus planos para o futuro, conseguir ser selecionado para o Mestrado ainda este ano e, com fé em Deus seguir para fora do nosso Estado para conseguir vaga em uma Universidade conceituada para seguir um Doutorado. Tenho o sonho de ser um professor universitário e irei batalhar para transformá-lo em realidade.